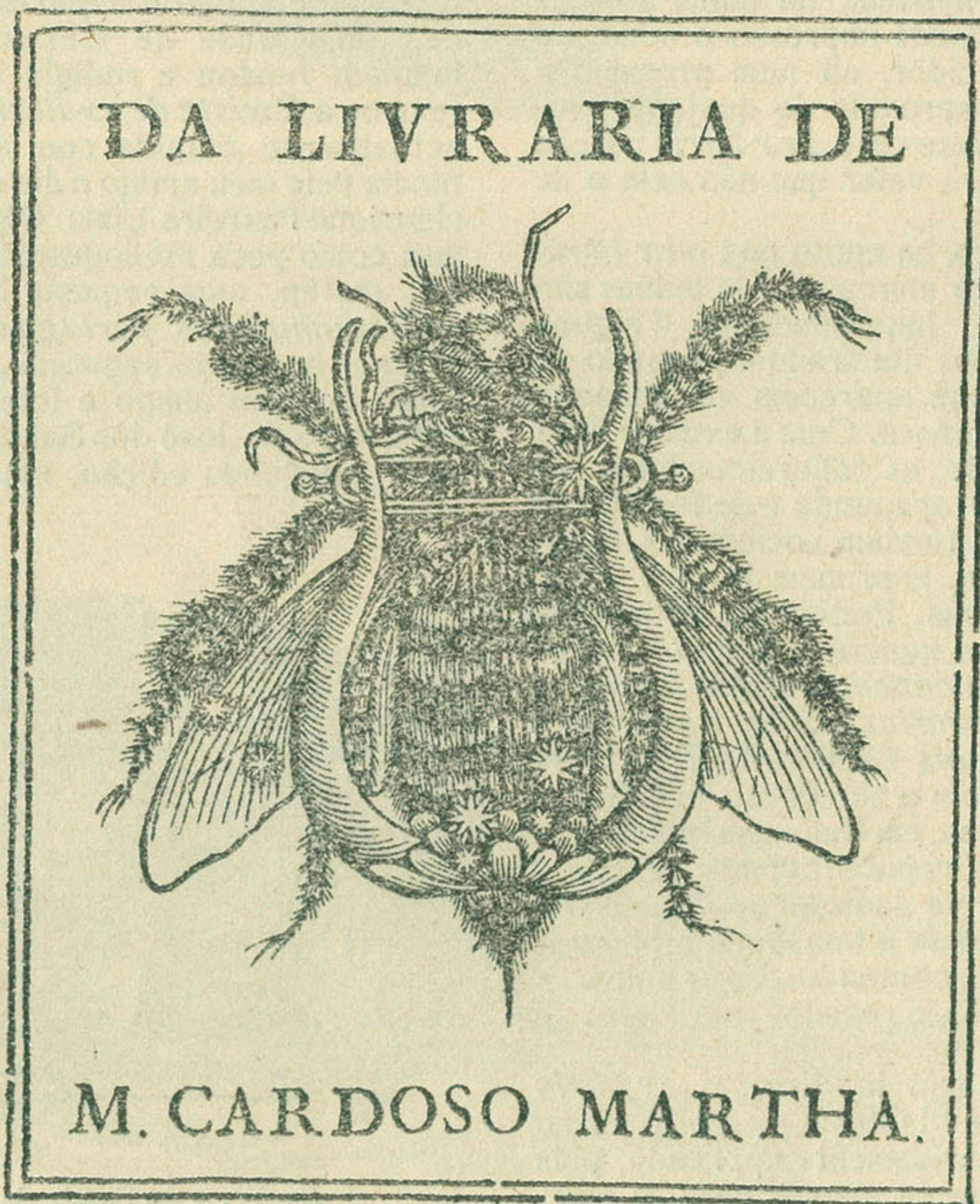


Ex-libris de José de Napoles Tello de Menezes



*Ex-libris de M. Cardoso Martha
Compos. do mesmo*

NOTICIA BREVE SOBRE
MANUEL M.^a BORDALLO
PINHEIRO (1815-1880)

Soldado voluntario da causa liberal, pintor, gravador, esculptor, desenhista de *costumes* e figurinos de theatro, companheiro e collaborador artistico de Herculano, Garrett e Castilho, amigo intimo do rei artista que era D. Fernando, Manuel Maria Bordallo Pinheiro foi, alem de tudo isto, uma victima sacrificada pelo meio estreito e pela epoca dura em que viveu.

Um jornal do tempo, no dia seguinte ao do seu desapparecimento, abria a noticia necrologica que lhe dedicava, com as seguintes palavras que, sob o verniz do estylo declamativo e pomposo que era moda, encerram muita justica e verdade:

Ha quarenta annos quando Manuel Maria Bordallo Pinheiro fez a sua entrada no mundo artistico portuguez, esse mundo artistico compunha-se unicamente dos elementos seguintes: uma sombra sentada sobre uma ruina. O fio da tradicção tinha-se partido, a memoria dos grandes nomes estava perdida. Era preciso refazer tudo. Para vencer, era necessario, em primeiro logar, a tempera dos valentes e a crença dos predestinados. Bordallo Pinheiro iniciou a gravura em madeira, e o Panorama sahio do cahos. Principia então a laboriosa vida do artista; manifesta-se a fecunda iniciativa que depois, secundada por outros esforços, consegue tornar a sombra n'uma estatua e a ruina n'um templo.

Como trabalhador que havia encontrado os materiaes da sua obra dispersos nas ruinas do passado, Manuel Maria

Bordallo Pinheiro professava o culto sereno do antigo. Mas os esplendores do seu tempo seduziam-n'o; enamorava-se dos prodigios do espirito novo, de forma que, em virtude de uma bondade ingenita da sua alma, o seu modo de ver artistico vacillava entre dois polos, sem poder fixar-se nem tomar um rumo determinado.

E' este o caracter essencial da sua obra.

Na verdade, o delicado espirito deste artista erudito, que se deixava attrahir por tão differentes modalidades de arte, devia por vezes, ter soffrido da densa atmospheria ambiente. A sua carreira teve inicio num periodo em que o entorpecimento geral dos espiritos ban-nira tudo quanto se relacionava com a arte. Ao seu esforço deve-se, por assim dizer, o renascimento da gravura em madeira que adormecêra, quasi esquecida e despresada. Foi então, que, sob a sua direcção, e vivificada pelo seu jovem e inquebrantavel enthusiasmo, appareceu a illustração graphica do livro. O semanario illustrado a *Epoca*, e o primeiro *Jornal de Bellas Artes*, que com Garret fundou, e dirigiu, representam incontestavelmente, etapas luminosas das artes graphicas portuguezas.

Amigo e companheiro de Herculano, depois de muito ter trabalhado e contribuido para a fundação d'esse verdadeiro monumento consagrado a uma epoca, que é o *Panorama*, foi elle um dos seus primeiros e mais assiduos collaboradores artisticos.

Como pintor, é prodigioso o numero dos seus quadros, que hoje fazem parte de muitas collecções particulares nacionaes e estrangeiras, entre ellas, a galeria do rei D. Fernando, seu grande e desvelado amigo.

Nos últimos annos da sua vida dedicou-se á pintura no *gosto* flamengo, em que conseguiu, como se vê pelos quadros que inserimos, producções d'uma extrema nitidez, tocadas com uma grande delicadeza, e impregnadas d'um cunho antigo perfeitamente caracterizado. N'este genero que requiere, a par de qualidades solidas de *factura*, uma profunda erudição e uma delicada sensibilidade, Manuel Maria Bordallo Pinheiro foi, sem duvida um artista consideravel. E' a estas figuras que, pela energica reacção espiritual contra um *meio* hostil, cabe a ingloria mas productiva tarefa de preparar com a sua obra artistica, com o brilho prestigioso da sua personalidade, quasi que só com a sua propria existencia, o *meio* e o momento propicio a apparição e florescimento de artistas maiores e de obras maiores.

Cultôr delicado da arte, que amou com um amor profundo e esclarecido, intelligencia dirigente da mais larga iniciativa, restaurador e inovador de *processos* artisticos, homem de cultura e homem de gosto, este chefe d'uma familia illustre nas bellas artes, cumpriu cabalmente essa missao de preparador do terreno, e de educador e primeiro mestre de grandes artistas.

E' certo que se não dá nem empresta a ninguem um forte temperamento artistico, bem como uma natureza creadora. Mas os filhos, originariamente artistas, de Manuel Maria Bordallo Pinheiro, tiveram a ventura de encontrar em seu pae, bem ao contrario da opposição e incomprehenção com que, ainda n'esse tempo, era de uso enfrentar uma vocação artistica, um decidido e intelligente incitamento, juntamente com os conselhos do mais interessado e enternecido dos mestres.

Esses serões familiares da casa de Arcolena, em que á luz íntima do candeieiro de petroleo, se sentavam a desenhar, á roda da mesa, o pae, os filhos e immersos todos n'um commum interesse e n'um mesmo cuidado de arte; embora não produzissem, só pela sua influencia, o talento d'um pintor como Columbano, ou um espirito d'um caricaturista como Raphael, verdadeiro commentador humorístico da politica e dos costumes de toda uma epoca, por certo explicam completamente o *gosto* seguro e a cultura artistica de todos os Bordallos.

Não é facil averiguar até que ponto se deve á obra e educação de Manuel Maria Bordallo Pinheiro, não já a obra d'aquelles dois grandes artistas, autenticas glorias de um paiz, mas o espirito e o sentido esthetico que em D. Maria Augusta, accorda e faz reviver no mais delicado sonho de arte, a industria das rendas de Peniche; ou que em Thomaz Bordallo Pinheiro, dispensa ás artes graphicas um impulso orientador, dos mais felizes e fecundos. Pelo menos, não devemos esquecer na evocação da individualidade artistica de Manuel Maria Bordallo Pinheiro, que essa doce athmosphera, tão propicia ao culto da arte, que com o seu valor e a sua ternura, soube crear para os seus filhos, a elle lhe faltou completamente, em toda uma vida que foi de lucta contra um meio hostil.

Resta a este fino artista, tão culto e tão delicado, a compensação posthuma de ter hoje algumas das suas melhores obras á guarda carinhosa de um pintor extraordinario que é seu filho Columbano, feito director do Museu de pintura, por uma das mais acertadas nomeações que se teem decretado n'este paiz.



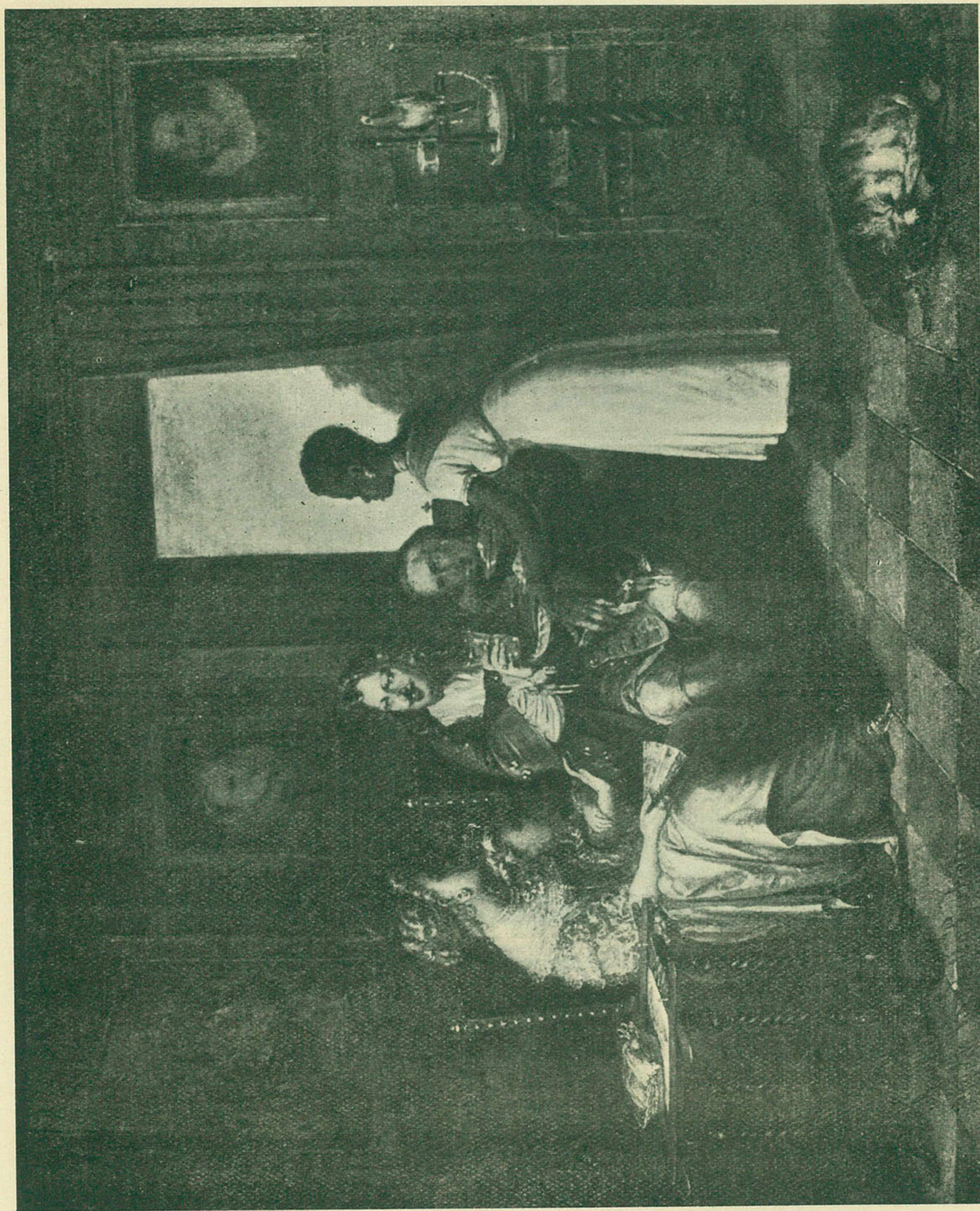
ATHENA — *O flautista*

por MANUEL M.^a BORDALLO PINHEIRO



ATHENA — *Lavadeira*

por MANUEL M. BORDALLO PINHEIRO
(Museu de Arte Contemporanea)

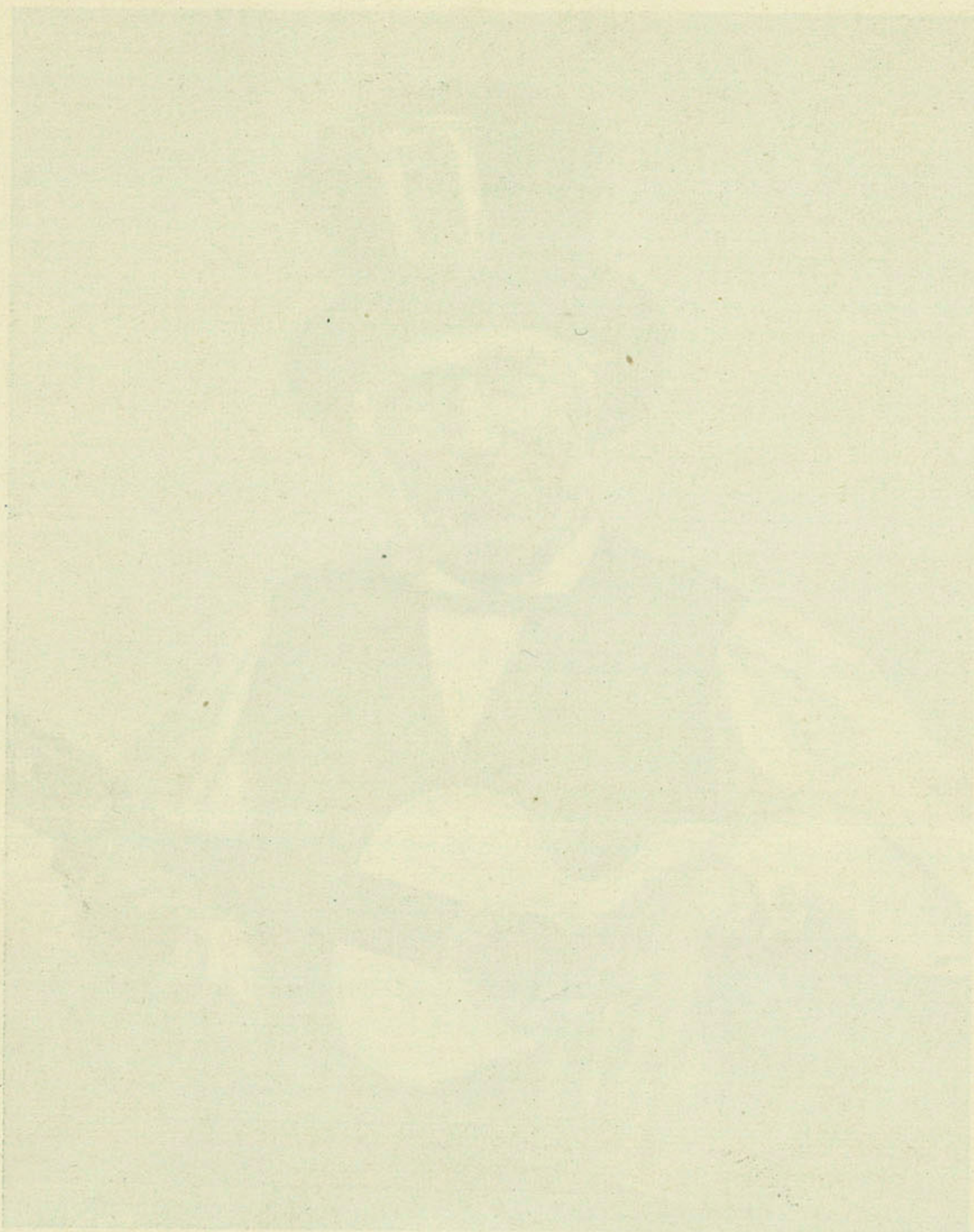


ATHENA — O copo d'agua (Museu de Arte Contemporanea)

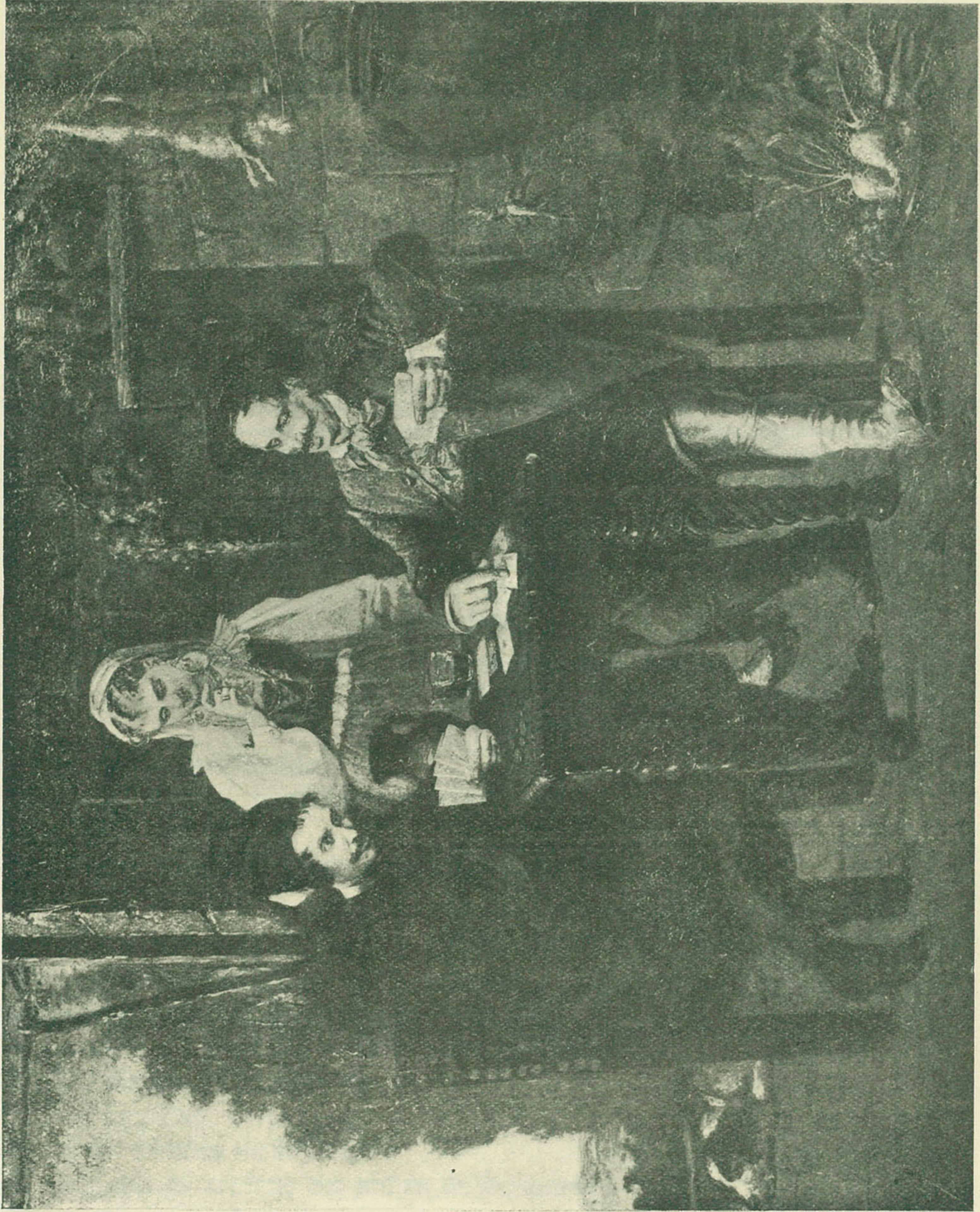
por MANUEL M. BORDALLO PINHEIRO



ATHENA — *O tocador de viola* por MANUEL M. BORDALLO PINHEIRO
(Museu de Arte Contemporanea)



ATTENZIONE - O l'ordine di vista per MANUELE M. BORDALINO FINIBRO
(Maison de Arte Contemporanea)



ATHENA — *Uma boa cartada* (Museu de Arte Contemporanea)

por MANUEL M. BORDALLO PINHEIRO

CHRISTMAS CAKE

Ballado em 2 actos

A Ronald de Carvalho, Homero Prates, Aggripino Grieco, Ruy Coelho, João do Amaral, José Osorio de Oliveira, em lembrança de camaradagem no Brasil.

1.º ACTO

Um quarto claro. Um friso, a toda a roda, desenhado, de scenas infantis, numa geometria buliçosa de linhas. As cores corriam no friso — azul, branco, vermelho, amarello, verde — a ver quem chegava primeiro. Ao canto, uma pequena cama, com uma grande dobra de lençol de linho, uma almofada tenra como um fructo. Um arco de creança, no chão, com a neurasthenia de quem perdeu a memoria do movimento. Noutra canto, assembleia de brinquedos. Um cavallo fogoso, uma boneca que move os olhos, um auto Rolls-Royce, uma companhia de soldados de chumbo e o commandante, uma banda de musica e o maestro, um diplomata de farda e crachás, etc., etc., etc., de brinquedos. Noite de Natal. Ruido tilintante de crystaes. O luar bate nos olhos da boneca que move os olhos. Ouvem-se obuzes de garrafas de champagne, noutra sala. A bonecagem accorda.

O PALHAÇO

tornando o dedo indicador um indicador de cartaz para a boneca que move os olhos e que se espreguiça ao luar,

Ih! como tens envelhecido!

Precisas massagens, pomadas e vermelho nos labios

— um vermelho que te grude o sorriso aos labios.

Dá duas piruetas ageis e olha meio triste a boneca que move os olhos.

Porque envelhecemos?

Eu tambem estou velho com rugas na ironia.

Eia maestro, eia musicos, desenferrujae os rhythmos!

Tilintae, metaes! Cornetas, buzinae!

Alacres, limpidas, livres, notas estralejae!

Oh, lindas corollas de rhythmio!

Oh, foguetes de artificio em noites de kermesse!

Eia maestro,

Eia musicos, enfeitae as notas de vossos képis vermelhos!

O MAESTRO

timido e vago, ainda tonto de somno,

Não temos os papeis. Um vento bárbaro espalhou-os
um dia
e os sons adormeceram nos instrumentos,
os sons esconderam-se nos instrumentos,
como animaes bravios nas tocas.

A BONECA QUE MOVE OS OLHOS

*o rosto caiado de luar, os olhos parados em
extase,*

Como era linda a marcha nupcial
que o maestro compoz, o Mendelsohn de minuscua melena,
o meu romantico de folha pintada!
Recordas-te, palhaço?
Todos julgavam que não tinhas coração,
e batiam á porta da ironia e depois,
com medo de entrar,
ficavam á porta escancarada da tua ironia . . .
Tu eras o bobo da nossa aristocratica côrte,
nomes legitimos do Gotha —
a nossa côrte de sangue azul — azul d'alma —
que tem desdem das côrtes dos reinos da terra.
Ninguem se atrevia a espreitar os teus olhos,
no encerado dos teus olhos bailam lagrimas
e tu és sentimental como um diminuto cachorro
de dama
e o sentimento é teu calcanhar de Achilles.
Dentro do Alcáçar da tua ironia
ha um pateo e uma fonte rumorosa
e um coração mouro, encantado, a escutar
a marcha nupcial.
Recordas-te, palhaço? Eu ia-me casar.
Meu noivo era um bébé loiro
que me beijava, que me beijava, que me beijava
na minha bocca, na minha bocca pintada como um morango.
Seus olhos vivos eram arcos sem rumo,

que corriam, corriam sem rumo
e, quando se cansavam, tombavam no meu olhar

O ARCO

*tombado no chão, concentra-se num circulo
mais apertado, a recordar-se do seu passado
de movimento.*

Pobre bébé! pobres olhos! fatalidade de tombar,
de parar nuns olhos de boneca!
Deus o levou para sempre.
Foi a ventura d'elle.
Os olhos — arcos que não devem parar —
No céu podem correr eternamente...
Eu, pobre arco parado, sou o olhar dum neurasthenico
que se poz a fitar o pensamento
e se estatelou na metaphysica...

A BONECA QUE MOVE OS OLHOS

Um arco é metaphysico, circulo, circulo, circulo...
Só as bonecas resolverão a quadratura do circulo
— com caricias.
Não sejas bobo, arco!

O PALHAÇO

*uma lagrima acrobatica nas palpebras, fin-
gindo fazer o salto da morte,*

Nesse tempo, tinha um béguin por ti,
boneca que moves os olhos,
movias antanho as piruetas do meu sonho.
Bébé loiro era rosado como menino inglez
e tinha o cabelo côr de barbas maduras
do milho maduro de Portugal
e appetecia dar-lhe beliscões na pelle fina.
Amaste-o com o esmalte da tua epiderme que estalou...
Bébé loiro beijava com demorada indolencia
os teus beijos rapidos, electricos...
Eu fiz o protocolo das bodas,
rigoroso, cerimonial, austriaco.

Quero confessar-te um segredo...
Pica-me o remorso... Se não fosse
este dever de fazer rir a humanidade,
de fixar o cartaz do riso nas fachadas das caras,
eu já me tinha suicidado com esta pistola...

*e pega numa pequenina pistola de chumbo e
desenha um gesto sem consequencias tragi-
cas, para explicar as suas palavras.*

Perdoas-me se te confessar.
Preciso do teu perdão.

A BONECA QUE MOVE OS OLHOS

Perdôo-te, sim. Porque em nossa vida
ha tantos tardes?
Tu és tão bom...

O PALHAÇO

*no maximo de comico que nelle traduz o ma-
ximo de seriedade,*

Eu sou tão mau.

A BONECA QUE MOVE OS OLHOS

triangula o olhar, num espanto agudo.

Que horror! Conta, palhaço.

O PALHAÇO

numa ironia doce

Pedi o teu perdão... Eu te conto, boneca.
Quando descias a escadaria da Igreja
pelo braço do bebé loiro,
— o teu braço tenro, em curva, virgulava o meu odio —
eu colloquei uma casca de laranja,
onde escorregou o bebé loiro
que tombou e bateu com o nariz arrebitado
numa esquina
e morreu.

*O palhaço continua a narrar e não dá pela
commoção da boneca que move os olhos, enxu-
gando-os num lençinho de cambraia, onde*

brilhava, bordado, o losango heraldico da sua estirpe.

Eu trazia a casca de laranja embrulhada num lenço e com habilidade tirei-o do bolso e lancei-a junto do pé do bébé loiro . . .
Foi aquelle diplomata . . .

A BONECA QUE MOVE OS OLHOS

num gesto de revolta imperioso,

Senhor diplomata!

O diplomata caminha arrastando uma perna que já arrastava no tempo em que não era diplomata, um diplomata tropego, baloiçando o seu corpo de louça dentro da farda. Tenta beijar a mão da boneca, que o afasta com desdem.

Diga a toda a côrte que é mentira,
declare que é mentira,
porque a mentira é a verdade da diplomacia.

O DIPLOMATA

É mentira!

com ironia

De resto, a casca de laranja é um processo desusado na diplomacia, um velho truque sem efeitos . . .

A BONECA QUE MOVE OS OLHOS

Commandante, fusile o diplomata!

A um reporter,

Faça uma noticia laconica para os jornaes.

COMMANDANTE

em voz alta aos soldados de chumbo,

Soldados: ordinario marche!

Alto!

Apontar!

Ouve-se o choque dum corpo no chão.

Um gallo empoleirado canta o cantico da meia noite.

2.º ACTO

O mesmo scenario. Meia noite. Quatro velas velam uma sombra estirada no chão. As velas apagadas. Luar. O silencio e o derradeiro echo do qui qui ri qui do gallo da meia noite.

A BONECA QUE MOVE OS OLHOS

Psiiu . . . Parece que abrem a porta do quarto.

Os bonecos calam-se. Abrem a porta do quarto. Calcam um botão electrico e a luz floresce na corolla do abajur como um cactus exotico. Uma luz arco-irisada brunindo a parede d'um brilho metallico. Varias pessoas. Uma criada com blusa de seda, um pequeno avental branco em rectangulo, as petalas brancas dum laçarote branco nos cabellos e um embrulho ao collo em rendas. Sorrisos, caricias. Sahem, ficando a criada que colloca um bambino na cama. Apaga a luz. Estira-se numa cadeira ingleza de balanço e adormece profundamente.

A BONECA QUE MOVE OS OLHOS

Psiiu . . . Ha um boneco novo . . . na cama . . . talvez indesejavel . . .
Commandante, vae pedir-lhe o passaporte . . .

O COMMANDANTE

seguido d'uma ordenança, faz continencia rigida e explica-lhe ao que vem.

Senhor, V. Ex.^a não conhece os usos e as leis do paiz . . .
Mostre-me o passaporte.

O commandante examina mas põe uma objecção.

Os documentos, bem, mas não declaram a nacionalidade.

O MENINO

Eu não sei d'onde venho.
Passei por Paris, estive na Russia,
na Russia conversei com Lenine que tinha á roda
bolcheviques de agasalhos de pelle,
bolcheviques hirsutos, bandeiras vermelhas nos gestos . . .
Estive num paiz sem nome,
o paiz que os habitantes tinham esquecido o nome,

que a neve tinha riscado o nome do mappa.
As mulheres tinham gestos brancos . . .

O COMMANDANTE

perplexo,

Não recordas o paiz onde nasceste?

O MENINO

Muito novo para ter memoria, commandante.

As quatro velas apagadas, hirtas de lugubre, quadriculam a alma do diplomata, com um crachá pesado a esmagar-lhe o coração. O bambino braceja brincando com uma mosca, o cavallo feroso relincha, o palhaço salta numa acrobacia de circo para o selim do cavallo feroso, o boxeador num ring improvisado treina o mais bello dos poemas com a sintaxe desarticulada, elastica dos punhos.

Tedio. Tedio. Tedio. Tedio. O luar corta longitudinalmente a scena.

A BONECA QUE MOVE OS OLHOS

tristissima,

Commandante, vem cá.
Deixa a ordenança de sentinella.

A sentinella. Só os olhos da sentinella. Os braços do bambino.

Estou com spleen.
Quero que enterrem immediatamente o diplomata

COMMANDANTE

Vou dar ordens.

para a companhia de soldados de chumbo,

Levem d'aqui o diplomata. Sem cerimonia.
Apenas o tambor, o tambor, a sacudi-lo,
a sacudir o corpo morto . . .

Rataplan-rataplan-plan-plan-plan-plan-plan-plan-a-an

O tambor estica a primeira nota. O menino levanta o seu corpo de desenho de creança. A boneca que move os olhos fita-o. O comman-

*dante assiste ao desfilhar da tropa de chumbo.
Rataplan..... Os cinco dedos do menino,
hirtos como dentes de pente, os braços ao ar
como forquilhas, o sorriso esparrado nas bo-
chechas esmaltadas de roseo.*

O MENINO

com a ansia de quem pede a lua num balde,

Dae-me aquelle bonito com o sol no peito.
Quem mandou os quatro soldados levarem o bonito?

A BONECA QUE MOVE OS OLHOS

*espantada manda parar a marcha. Reticen-
cias vagas de rataplan.....*

Não te posso dar aquelle bonito.
É um diplomata.

O MENINO

Ainda bem que é um diplomata. Precisamos tanto
d'um continuo.
S. Pedro está cansado e gosta de ver pessoas importantes a servi-lo.
Preparem-lhe a carruagem especial.

*Um pequenino comboio rola o seu rô... rô...
rô... e... apita... Um policial belga olha
triste a fita metrica do trem que parte, como
comprida cobra elastica. Sente-se um ar leve
na sala. Um pequeno silencio em parenthesis.
O vento quebra as quatro velas.*

Como o diplomata deve ir contente em carruagem de luxo!

A BONECA QUE MOVE OS OLHOS

Quem és tu, menino?

O MENINO

Não me puzeram nome.

A BONECA QUE MOVE OS OLHOS

A tua terra?

O MENINO

Não tenho.

A BONECA QUE MOVE OS OLHOS

Quem te trouxe aqui?

O MENINO

Não sei.

O palhaço salta do cavalo feroso, tira o chapéu em funil e cumprimenta o menino, desengonçando-se todo.

A BONECA QUE MOVE OS OLHOS

Se ficasses na nossa terra, dar-te-híamos um nome, uma lei, uma patria.

O MENINO

Não quero nome, nem lei, nem patria.
Palhaço, a tua alegria é fingida.

Batendo as palmas,

Vou fazer-te alegre.

O palhaço pirueta numa pantomima. A banda garatuja no ar as notas, correndo livres como creanças no relvado. O palhaço transfigura-se. Rufa uma pandeireta. Entra a bailarina gitana, lenços escarlates, sombra nos olhos, o punhal sangrento d'um beijo nos labios, os pés nús. Chocalham pulseiras.

Eh, gente, ponde nos gestos a sinceridade,
a humanidade viva das vossas almas, de ficção de lata, de papelão, de borracha, de louça, de alma!

O menino começa a envolver-se numa aureola. Manhã. O sol, entrando, polvilha de luz. A boneca que move os olhos caminha num extase para o palhaço que a eleva ao alto numa pirueta suprema, ferindo-lhe a polpa aromada dos labios. A gitana, a bailarina da alegria, deita-se-lhes aos pés, enrodilha-se-lhes aos pés, submissa, como camisa de seda a espreguiçar-se d'um corpo macio. O sol entra com mais violencia, em listrados azues e vermelhos, como toldo de bangaló americano, sobre o menino. Mais sol, mais sol, mais sol. Ninguem mais vê o menino.

UM APOSTOLO

*meio Ruskin, meio Tolstoi, grandes barbas,
um jornal revolucionario debaixo do braço,
tentando escalar as alturas.*

Oh minha Torre Eiffel, oh symbolo da humanidade electrica!
Quero espalhar pelo sem-fio o radio da Bôa Nova...
Fusilem o burguês... Marx...
Bailado russo... Chimera...
O sol da meia noite em todo o mundo...

OS BONECOS TODOS

*confraternisando, numa dansa de roda, bai-
lando e cantando, e, tendo ao meio a boneca
que move os olhos, o palhaço e a gitana,*

Era uma vez um menino,
á terra veio brincar,
deixou a paz e a alegria,
e foi-se embora a brincar...

Era uma vez...

*Fóra, pregão de vendedor de fructas, pregão
que traz aroma fresco de fructas. Pomar.
Chilreio de passaros e um braço rustico no
geito de colher... Asas... Pregão sumarento,
pintalgado de reflexos de oiro...
«Quem quer laranjas...» Quem quer...*

Num quartel perto, o toque da alvorada.

Um trolle riscando como um phosphoro.

CAHE O PANNO

Natal do Rio de Janeiro, no anno de graça de 1922

CARLOS LOBO DE OLIVEIRA

UMA NOITE

Havia trovões? Havia relampagos? A noite negra faiscava e rugia? Ainda bem. A vida da Natureza comprehendia-o, sentia como elle. Era o mesmo negrume, a mesma ventania, o mesmo cachoar de forças mais oppostas, com uma ou outra estrella a lucilar!

Só aquelle gabinete atapetado, aquellas faianças, aquelles quadros, aquelles moveis commodos — todo aquelle elegante escriptorio onde se não escrevia e apenas tomava chá, miudinho, insignificante, todo apparencia, contradizia, amesquinhava, como talvez, no fundo, contradissem e amesquinhasse o proprio caso em si.

Precisava vender, partir, escaqueirar, fazer desapparecer tudo aquillo, todo aquelle polido lixo de cidade. A sua exaltação, o seu desespero, a sua dor, ou fosse o que fosse que, naquella hora, o agitava, só numa prisão, numa mansarda com fome, ou no mar alto, vivendo a lucta de um naufragio, se poderia coherentemente, harmonicamente encontrar.

Se lhe appetecesse dançar, viver as luzes, as joias, os decotes, os appetites, a existencia *baton* e pó de arroz, ligeiro, frivolo e sensual como as pernas das mulheres calçadas cõr de carne, estaria sem duvida numa masmorra, teria fome e sentiria a caspa.

Que vida miseravel! Nem sequer se morria quando a alma completamente agonizava! Algumas arrancadas heroicas? E' possivel. Que importava?! Nada compensado, nada comprehendido, nada que se visse e ouvisse vibrar, numa marcha cerrada, para a victoria ou para a morte, ao som de mil clarins!

Ella mesmo, áquella hora, enquanto elle, como uma fera, passeava ou desesperadamente mordida os ferros das jaulas em que os seus proprios pensamentos o mettiã, numa cama de estylo, comprada num ferro-velho, provavelmente dormia e resonava.

Mentira, faltára? Naturalissimo. Um bilhete perfumado, sereno, de optimo papel, sem dizer nada, no dia seguinte remediaría tudo. A vulgaridade cuidada com o maior cuidado: a elegancia. E estava arrumado o incidente — porque era mesmo incidente o que ella lhe chamaria.

D'elle nada adivinhava, nada sentia. O cachoar das suas mais bellas e verdadeiras horas de paixão assustava-a ou, então, divertia-a, dava-lhe vontade de lhe atirar pedrinhas, de longe, sem se debruçar sequer para ver bem.

Não, não havia nella coisa alguma: era commum, era a existencia, era uma rua central de qualquer cidade, ambiente de casa de chá, jardim publico, bosque com arvores aparadas, theatros, cinemas, thermas, logares de verão, com algumas leituras de Farrère ou Pierre Louys. Um bustosinho de Sappho, uma bonita sonhadora de estatueta de industria artistica, para deitar fóra ou para decorar qualquer vida que não fosse a d'elle. Comtudo, no dia seguinte

escreveria, explicaria — e elle continuaria, não a veneral-a — nunca o tinha feito, — mas a consentil-a.

Passeava sempre. Olhou para a cadeira onde ella costumava sentar-se. Viu-a deante de si, viu-a levantar-se, mover-se sem causar um ruido, muito esguia, muito elegante, muito fina, toda de negro, deitando um vago olhar á sua volta, do alto da sua admiravel garganta de garça real. Viu-a tocar as coisas ao de leve, só com as pontas dos dedos, ou escutal-o, um pouco inclinada, numa attenção impecavel, mas em que havia sempre alheamento.

E, na penumbra, em que se esboçava a alcova contigua, os seus olhos reparando na commoda negra, de vinhatico, lembraram-lhe uma tarde em que encostada a essa commoda, ella pendera a cabeça, desmaiada, macerada por uma pallidez de cadaver em que havia, nas palpebras e ao redor dos olhos, tenuissimos tons d'um roxo de crepusculo ou de manhã nascente.

Essas recordações perturbaram-no. Havia nella coisas acabadas, perfectas. Mas atravez d'essa suavidade conseguida p'la harmonia do conjuncto do desenho das linhas, o seu sentimento não via o fundo d'um temperamento servil, colleante, calculista, vaidoso e lodacento, que ella instinctivamente revelava com apparencias distinctas?

Era horrivel! Precisava acabar, acabar já, naquella mesma noite! Por orgulho, por intelligencia, por virilidade mesmo, devia libertar-se d'aquelles maples que nem sequer vinham de Londres e d'aquella mulher que agradava só ao que nelle havia de peor.

Tel-a só para a ter, como quem tem uma elegante e cara amphora de vicios? Para isso precisaria pôr muitos massos de notas entre a sua alma e ella — e isso não lh'o consentiria ella nunca. Vender-se-hia a toda a gente menos a elle. E elle mesmo ficaria contente reduzindo-a a tanto?

Era acabar. Tinha-lhe escripto de tarde, cynicamente, no regresso do logar onde ella devia apparecer. Levar-lhe-hia essa carta, atirar-lh'a-hia sem uma palavra. Estava bem, estava mal? Que importava? Que era aquillo? Qual a sua sinceridade, a sua belleza, o seu valor dentro da Vida? Teriam os seus olhos alguma vez reparado nas estrellas, nas montanhas, nas lagrimas das mães ou no sangue que esbraseia a bocca dos namorados quando o coração bate forte e é bom, é são, é generoso e é nobre? Em frente do Mar sentiria mais que o appetite de se aninhar nos beliches e de passear ricas farrapadas nas toldas dos transatlanticos, a desenhar attitudes, enlevada em si mesma? E a dedicação, que a toda a hora lhe affirmava, não o deixava sempre como se ella não sentisse dedicação nenhuma?

O que acontecia no mundo se ella desaparecesse? O valor da sua existencia iria além do valor de existencia de qualquer cavallo de concurso ou de corrida, capaz de provocar apostas a quem o visse parado, mas que, por falta de sangue, de lealdade ou de fundo, ia ficando vencido até acabar em guano?

Não era com um sorriso de commiserção que elle devia envolver essa figurinha com duas grammas de peso, que elle não despedaçava só por ser

tão facil de despedaçar e que se atrevia a jogar altivamente com essa certeza, como se ella, em vez d'uma esmola que lhe era concedida, fosse a orgulhosa e nobre consciencia d'um valor? E não era tambem com uma fria ironia piedosa que elle devia encarar o proprio interesse que ella despertava nelle? Nelle? . . . Nelle, não. Nelle, miseria, insignificancia, vilissima fragilidade humana. Ou nem isso.

As suas exaltações, duvidas, abatimentos e doidos desesperos . . . — todo o turbilhão de paixões que elle nem a si mesmo confessava, e o sacudiam, e lhe atiravam com o pensamento para as descobertas inesperadas de novos mundos do sentir — era apenas elle, apenas a sua vida excessiva a galopar selvaticamente nas brenhas e nas planuras da sua mocidade, levando-lhe o coração, como se fosse um corpo virgem amarrado p'los cabellos á cauda d'um cavallo largado á desfilada!

Ella seria quando muito um *motivo*, o acaso indifferente e anonymo que só se torna grande quando inflammado p'lo amor ou p'lo genio de alguém. Que tinha, portanto, com a sua agitação? Para que devia elle confessar-lh'a? Qual é o esculptor que falla do fogo sagrado da sua emoção ao pobre modelo encontrado ao voltar d'uma rua? Seria justo julgal-a — a ella a quem nem esse amor á musica de que fallava cheia dera nunca o cunho das almas capazes de se devotar — seria justo fallar-lhe como a um collaborador que sentisse aquelle violento sopro da vida que tudo dramatizava? Como ella desapparecia só por se lhe dirigirem semelhantes perguntas! E que valeria mesmo que ella a sentisse?

Sim, era a carta pretenciosa, superficial, janota, que lhe devia entregar, serenamente, naquella mesma noite. E, sem luvas, sem bengala, um amplo casacão de gola erguida, sahiu.

Deixara de chover. Um silencio espesso cahia, pesava como uma sinistra e muda anciedade. As sombras do casario avolumavam — e os novos arruamentos encharcados, afundados na treva, espelhavam como cisternas as lampadas electricas, que derramavam um pallor desbotado e frio, coado atravez da bruma densa.

Só a espaços os trovões rolavam ainda sobre o amontoado dos bairros adormecidos. Breves relampagos faiscavam. E, de longe a longe, como uma furna de bruxas ou um covil de feras batido por lumieiras, toda a noite da cidade era esquadrihada por um jacto de luz luarento, vindo dos holophotes do Mar.

Que noite admiravel para que toda a humanidade, sob o chicote d'um genio, derruisse idéas, monumentos, civilizações, deixando sómente a evoluar-se, acima da desolação, a pureza do sonho da maior belleza dos aspectos futuros! Mas, quando assim não fosse, que, ao menos, esporeada pelos instinctos, interiorizada no seu drama inicial, amasse, odiasse, assassinasse ou, sentindo se açaimada e impotente, apenas miseravelmente bramisse!

Começavam a interessal-o os aspectos da noite e a projecção da sua vida feita nelles. Mesmo sem dar por isso, retardou a marcha, tomou o ca-

minho mais longo — e abandonou-se ao prazer de possuir as almas e as imagens das cousas, ao mesmo tempo que, por um duplo esforço inconsciente, ia estudando o seu poder de observar, de sentir, de construir e de descrever, ao ponto de chegar a compor e a emendar as linhas dos periodos que mentalmente traçava.

Desembocou numa praça ampla, em que havia, ao centro, uma estatua de bronze indifferente aos trovões. E, descobrindo a cidade em collinas de treva semeadas de luzes, e, mais ao longe, os pharoes da barra a coriscar, parou um instante, respirou fundo e sentiu o peito dilatar-se-lhe.

Era admiravel!

A cidade, vista d'esse alto, alargava-se, crescia em vagalhões de sombras picadas de lumareus scintillantes, rolava para além do rio, enchia a noite, ultrapassava as fronteiras — e, no seu largo olhar, tornava-se o largo mundo de trevas e de luzes onde todos os cerebros e todos os corações exaggerados e fortes luctavam e se debatiam.

A sua alma desopprimia-se numa crescente sensação de liberdade e de dominio. Por um milagre, via que deixava de soffrer o seu soffrimento apenas estreitamente, insignificamente, dentro só de si. As luctas do seu coração desordenado e violento, tambem em vagalhões, como as sombras da noite da cidade, passavam os limites do seu peito, innundavam, rolando mundo além, sob a attracção do céu e das estrellas — e, porque no cachão das suas furias ou no doce rumor das suas maguas se escutava, como no Mar, a voz de muitas vozes, elle sentia-se o unico senhor da noite e do silencio que o cercava.

Continuou a caminhar. Erguia a cabeça, calcava a terra com força. E, atravez das praças largas, ruas e avenidas, escutando sempre as vozes da tempestade e do seu coração, scenas de Shakespeare, paginas de Balzac, tercetos de Dante, versos de Byron e de Camões acudiam-lhe á memoria transfigurados, cercados d'um resplendor de verdade divina, fulgindo noutra vida tão bellos e eternos como o raiar do sol ou o scintillar dos astros!

A ventania, uivando, voltava a esbagoar as nuvens negras em bategas cerradas de chuva e de granizo. Toda a cidade, com algares de luz nas depressões, enxames de luzes á volta das collinas, poças de agua brilhando nos macadams escavados, predios ás escuras e rajadas sacudindo as moitas e os arvoredos, tinha o tragico socego d'um monstro adormecido num somno de convulsões e pesadellos.

Mas o vento cachoando de encontro ás alvenarias e aos cimentos armados não era o vento cujo echo andava nos seus ouvidos. Uma saudade feita de lembranças selvagens, numa allucinação, crescendo, avolumando, como os cerros d'uma cordilheira, erguia-se, na sua memoria, toda a grandeza dos brenhos, dos matagaes, das serranias onde os lobos uiçam, as bruxas se acoitam, os genios fallam baixinho e a furia do vento bate, de noite, em loucas galopadas.

Como elle estava distante d'essas torvas eminencias coroadas por collosaes diademas de penedos, de onde as aguias levantam o seu vôo, olhando,

d'essa eternidade immutavel, os doces gorgeios, os prados, as varzeas, os pomares — o idyllio tenro, viçoso e perecível dos valles e das planuras odorantes!

Como a sua alma se afastara do religioso convívio d'essas creações geniaes da Natureza de encontro ás quaes o proprio Mar se quebra vencido — e que são sempre as ultimas a anoitecer e as primeiras a ver o sol nascente!

Tinha chegado em frente á casa d'ella. Ficou humilhado, soffrendo por ella afinal existir — e toda aquella agitação interior, que lhe levava o entendimento para além do que sabia, como os ventos e as ondas outrora tinham levado para outros continentes as armadas das naus e das caravellas, estar, como estava, assente sobre um grão d'areia e não ser sómente o vôo puro d'um espirito em exaltação creadora. Passou adeante, mas breve voltou — e andou ao redor da casa, rondando, hesitando, raivando.

Perto aguardava um nocturno, de negro, informe como um menhir, com uma luz redonda e desbotada a scintillar-lhe na barriga.

Os beiços arregaçaram-se-lhe num riso mudo. Até havia homens que punham um barrete, um casacão, uma luz na pança, e passavam as horas e passavam as noites e passavam a vida á espera, á espera, á espera, abrigados por uma arvore ou por um portão!...

Decidiu-se. Atirou-lhe um berro, comprou-o, obrigou-o a abrir-lhe a porta que devia dar para o terraço, e subiu, adivinhando o caminho, sem um ruido, com uma lucidez de somnambulo, de amante ou de criminoso. Que ia fazer? Não sabia.

Deixara de chover. O vento acalmara. Só espaçados relampagos rasgavam a noite; e, de longe em longe, trovões distantes rondavam.

Havia um frio de cisterna, no vão alto e humido por onde a escadaria caracolava, molhada e viscosa como uma serpente de ferro. Todas as coisas tinham para elle aspectos e sentidos novos, que o seu espirito vivia mas nem sempre fixava, multiplamente sollicitado p'las emoções mais diversas.

Pareceu-lhe o tempo infinito d'uma condemnação abominavel o tempo que gastou a subir. Ia cego como uma toupeira, rastejava como uma argançã e sentia na sua pelle a lama suja e o lodo onde as minhocas engordam.

Novas ondas de odio e de desprezo o sacudiam. Vinham-lhe á bocca, com resaibos de impetos criminosos, todas as maldições d'um forçado. Um relampago illuminou-lhe uma fiada de janellas. Percebeu que tinha chegado ao terraço, e, sem saber porquê, calculou que a janella do quarto d'ella era a terceira. Bateu ao de leve nos vidros, e chamou com força, numa voz abafada como o sopro d'um toiro.

Não pensou que se podia enganar, apparecer-lhe um homem, ter uma lucta violenta alli, naquelle pequeno espaço, ou ser varado por um tiro. Não pensou nisso. Sabia que, mesmo que acontecesse, não seria elle o vencido. O impulso que o levara, a vida que havia nelle, era mais forte do que tudo.

Esperava sem um receio, sem um temor e sem outra arma que não fosse a força infinita que sentia nos seus braços. Mas ninguém respondeu. Os relâmpagos espectralizavam, cortavam na treva subitas aparições. O frio arripiava-o, tiritava. Cahia o mesmo silencio de tempestades dormindo. E as suas mãos, crispadas, enclavinhavam-se como se segurassem punhos de punhaes.

Chamou outra vez. Collou a cara aos vidros. Dentro havia um pallor doce e brando de lampadario, em que fluctuava o socego do somno, o ar tepido dos sonhos e do repousar confiado. Apercebia-se, ao fundo, o vulto d'um leito onde elle adivinhava, esboçados em visão, os contornos d'esse corpo esguio e pallido que tantas, tantas horas junto do seu vibrara, contorcendo-se como uma haste queimada num incendio ou batida por um vendaval.

Como seria carinhoso, como seria melhor, que, em vez de se encontrar alli a rugir, estivesse cheio de amizade e de reconhecimento, acreditando nella, achando mil pequenos encantos a tudo, e saber que accordaria para o receber, num alvoroço, ao de leve rosada, enlanguescida p'lo somno, a transbordar de ternura e de sollicitude! Porque não era assim?! Que queria ella, afinal, complicando, torcendo, não sendo nunca simples, espontanea, leal, não tendo nunca a coragem dos seus defeitos ou dos seus vicios nem tampouco o querer humilde e forte d'uma alta virtude — e se amesquinhava sempre, sempre dubia, apparecendo agora bondosa e desinteressada e surgindo logo a seguir escura, e mysteriosa, cheia de reservas e de abysmos em que a imaginação d'elle se despenhava?

Chamou de novo.

A noite voltava a bramir. Luziam algumas estrellas. E farrapões de nuvens mais negras que a negrura passavam sobre a cidade, levadas p'lo vento como fantasmas informes de aguias ou de abutres de azas desfraldadas.

Tudo vivia um momento eterno de grãdeza dolorosa e desesperada. Mas se elle não estivesse alli, naquelle terraço assente em ferro, industrial, mesquinho, e se encontrasse só, liberto de si mesmo, ouvindo o concerto infinito das furias na natureza, o seu pensamento poderia voar como as aves das cumieiras, sem que o amarrasse e o inferiorizasse toda a tristeza vil, cansada e abatida do pobre soffrimento do coração humano. Ah, como se sentia escravo! Como se odiava ao saber-se vencido p'la grilheta d'um desejo ou d'um sentimento que só lhe merecia desprezo e que o dominava comtudo! Como elle naquelle momento era igual a qualquer perro desvairado p'la quadra do cio, ou a qualquer galeriano cedendo á tentação d'um novo crime!

E ella continuava sem o adivinhar, sem o ouvir!

Como sempre que as suas boccas não estavam colladas, sentia-a longe, extranha, indifferente, sem que a vida d'elle se lhe communicasse nunca. Mas se era assim, se aquelle corpo pallido, fragil e flexuoso só vinha para elle, colleando como uma serpente esfomeada, para se cevar no prazer d'ou-

tro corpo, para que fallava ella? Para que tinha gestos e attitudes de tanta e tão delicada humanidade? Para que dizia palavras que só lhe pertenceriam no dia em que soubesse o seu significado sentindo o? Porque não era ella muda e viscosa como um reptil?

Como a odiava, como lhe odiava os lindos seios pequeninos, os rins que ondeavam, o ventre que se collava ao d'elle, os braços delgados, esqueleticos quasi, que o não largavam, que o convulsionavam num estertor amoroso, d'um extranho prazer violento e macabro, como se tivesse a morte por amante; os olhos enormes, negros e dormentes como a agua turva d'um fundo de cisterna; e essa bocca de labios finos e humidos, d'um sabor limoso e morno, que se distendia e o beijava collando-se á bocca d'elle até que os dentes de ambos batessem uns nos outros!... Como odiava tudo o que vinha d'ella e o levava alli!

E não devia rebentar aquelles vidros, não devia ir estrangulal-a, não devia incendiar a cidade, não devia pôr a humanidade inteira a ulular — e devia simplesmente ir-se embora, sem despedir sequer um grito ou um clarão!

Voltou a chamar. Nada. Apenas a chuva cahia, em bategas certas e calmas, repassada de abatimento e de tristeza, como se agora o céu negro e sinistro já só pudesse chorar a dor de um grande lucto.

Encaminhou-se para a escadaria e começou a descer.

Porque não ficara elle uma fera ou um homem primitivo, réflexo immediato da scisma bruta dos montes ou do bramir das tormentas? Porque não obedeciam já os seus braços aos seus instinctos, e mil meandros invisiveis o algemavam, deixando, só para maior desespero, o seu pensamento, cada vez mais insatisfeito e mais forte, a rolar e a extravazar como a caudal d'uma cheia? — A civilização... a civilização!...

E parou de repente, sentindo chamar p'lo seu nome numa voz que parecia vir de dentro d'um sepulchro, tão debil que era impossivel fazer-se ouvir, e, como um perfume, tão perceptivel que distinctamente se ouvia. Perdeu por completo o sentimento das realidades. Os segundos eram epochas, seculos, edades inteiras. Os ouvidos zumbiam-lhe. Os olhos erguiam dos esconsos e recantos duendes, avejões, manipanços, azas de morcegos, caveiras, labaredas, fórmias chaoticas que avançavam para elle maiores do que montanhas, abrindo boccarras de treva desmedida, e, em seguida, se diminuiam, acaçapavam, collavam á terra, ficando tão pequenas como sapos a rir ás gargalhadas da sua allucinação!

A mesma voz repetiu o chamamento como se estivesse no fundo ou no cimo d'um abysmo. E d'essa vez reconheceu-a. Era a d'ella. Era ella propria que o chamava, para que elle não fosse assim. As suas mãos crisparam-se — e subiu ligeiro como um gamo.

Esperava-o á janella, roupão branco sobre a pelle, cabellos soltos, garganta nua, os seios quasi descobertos. Apanhava o frio da noite sem um arrepio e olhava a tempestade e as trevas serena e immaculada como a alvura d'um marmore d'uma estatua de parque. Quando elle se approximou, os seus

braços, tão lentos como um remansado erguer de azas de cysne, quizeram envolvê-lo.

— Doido! Escrevi-te. Deves receber amanhã. . .

Mas não continuou. Os braços penderam-lhe e fixou-o, num espanto quasi de terror.

— Que tens? . . .

Depois, de novo calma, voltou a tentar abraçá-lo, puxá-lo para si.

— Ouve: porque me não beijas? Porque não me dás um beijo?

Elle tremia como um assassino acovardado p'la inconsciencia da victima. Do corpo d'ella subia, como do sagrado thuribulo d'um templo da sensualidade, o odor do seu leito e esse aroma quente das curvas e dos contornos perturbantes.

Estava linda, assim, de branco, quasi nua, cabellos soltos como um temporal, vestindo essa apparencia immaculada e fria da alvura dos marmores vistos de noite. Tinha a divina belleza d'uma extranha obra d'Arte e o amoroso calor dum corpo de mulher. Uma onda de desejo sacudiu-o, fel-o cambalear. Enlaçou-a, e a bocca d'elle collou-se á bocca d'ella, soffregamente, longamente, embriagadamente, sorvendo o sabor d'esse beijo em que havia o fogo da luxuria, o travor do crime e o venenoso mel d'uma degradação. Subito, porém, mordeu-a com odio, com horror, e sacudiu-a, numa revolta brusca. Ella soltou um gemido, e, como um tigre que vê sangue, a furia d'elle cresceu. Tomou-lhe os cabellos, passou-lh'os á roda da garganta, quiz enforcal-a nelles.

Matal-a por lhe encarcerar o seu espirito numa jaula feita de perguntas e por, a todo o instante, se divertir passando, com um sorriso, junto ás grades sem nunca lhe responder. Estrangulal-a para que ficasse a menos uma cobra capaz de filar um boi p'la focinheira e cansal-o em continuos movimentos de vae-vem, até o ver cahir, morto p'la fadiga, para, depois, regaladamente o devorar ou desprezivelmente deixar a apodrecer.

Ella erguia, e agitava na noite, os braços nus, muito pallidos e muito fracos, como os de um crucificado de marfim.

— Ouve. . . Estás a maguar-me. . . Tu não ouves?!

Os dedos d'elle, apertando, encontravam uma carne tepida que cedia á sua força e, a seguir, uns ossos que prontamente estalariam, partindo como caudos secos. Encarou-a. E, atravez da sua allucinação, viu a fraqueza, a debilidade d'aquelles bracitos nus que não luctavam, que nem sequer podiam defender-se e que apenas sabiam inventar caricias ou implorar perdões. Uma sensação de crime covarde, de crime sem grandeza, que acabaria com aquella vida que se entregava e obedecia como a d'um pobre animal no matadouro, deixou-o inerte, gelado, com horror de si proprio.

Largou-lhe os cabellos, empurrou-a para dentro, e, amarfanhando a carta, atirou-lhe com ella e fugiu.

Desceu a cambalear. Não se sentia, não se encontrava. Um soffrimento desvairado tomava-o todo, e, ao mesmo tempo, continuava a observar quanto

em si se passava, tudo quanto a noite dizia, e pensava até na sem-razão do extranho absurdo do seu soffrimento immenso.

A ventania uivava como alcateias. O nocturno veio buscar a gorgeta. Atirou-lh'a com asco, e partiu a correr, a caminho de casa, numa carreira instinctiva como a d'uma fera para o covil.

Bategas de agua, puxadas p'la ventania, vinham bater-lhe na cara, nas mãos e nos cabellos. Mas uma força invencivel levava o num turbilhão. Não tinha comido nada em todo o dia. Fumara, passeara continuamente. Nada existia para elle além do seu tumultuar intimo. Tinha constantemente medo de endoidecer. E, no emtanto, nenhuma fadiga sentia, e continuava a correr, noite fóra, atravez da ventania e da chuva, vendo-se com espanto assistindo ao seu delirio sem mesmo se reconhecer.

Só em casa abateu uns instantes sobre um maple, com as fontes a latejar. Tinha a impressão de um accesso febril. Onde iria elle? Até onde conseguiria leval-o toda essa vida que lhe não obedecia, que extravazava, como um rio que rebenta diques e comportas — e passa além de tudo só levado p'la sua imperiosa e cega furia de innundar?

Mas como era curioso! E parava observando-se, analyzando, como se não fosse elle que soffresse ou não fosse elle que observasse.

Pelo quarto havia um silencio lugubre, uma atmospherá espessa, carregada, cheia do odor das grandes horas de amargura ou de exaltação concentrada. Deu por isso e tambem p'la fadiga soturna que se exhalava de cada movel e que pairava na propria luz. Começavam as coisas a ter aspectos de fim, d'um fim doloroso e tragico em que se sentia a morte.

Abriu as janellas. Como vagalhões nos costados d'um barco, no alto mar, as rajadas do vento quebravam, aos uivos, de encontro ao casario. Elle queria retomar-se. Agitava-se como um naufrago. Argumentava comsigo.

Tinha já feito o que queria. Estava tudo acabado. Mas não se contentava. Não a despresara bastante, e o que lhe dissera na carta era pretencioso, insignificante, falso. Nenhuma d'essas phrases engommadas e lustrosas como bons collarinhos levavam alguma cousa do que nelle havia.

Tinham sido escriptas pensando nella, na sua compostura, nas suas attitudes, nos seus cynismos! Os periodos estavam cortados obedecendo ás linhas dos seus gestos e a expressão era a dos seus sorrisos, e a dos sorrisos que elle mais odiava. Para a ferir pedira-lhe as suas armas, transigira, e acabara por se mostrar como uma alma igual á d'ella.

Não, não podia ser! Que formidavel desconcerto entre o que sentira e o que dizia nessa carta! Não! Era preciso dizer-lhe tudo, dizer-lhe até porque tivera a ignobil fraqueza de a beijar; e dizer-lh'o não com o ar caro e facetado d'uma bugiganga de luxo, mas com todo o poder que nelle rugia.

Correu para a sua mesa de trabalho, e toda a descripção da noite, do temporal, dos seus odios, dos seus desprezos, do seu raivar intimo, passou para o papel, febrilmente, sem uma emenda, numa lettra enorme, irregular, cheia de traços carregadissimos.

Esfarrapava-a, e esfarrapava a com delicia, como uma fera que dilacera uma presa, sacudindo-a nos dentes. A's vezes desesperava-se que a sua caneta não fosse um bisturi e que, em lugar de escrever sobre uma folha de papel branco, não estivesse a retalhar-lhe o corpo lentamente, miudamente, até lhe encontrar o coração para lh'o mostrar como elle era, para ella ver bem como, apesar de tudo, não conseguia enganar-o.

De quando em quando corava; mas desculpava-se pensando que descia a dizer-lhe tanto só por soffrer a indignação de ella julgar que elle não via.

Acabou a carta de madrugada. Releu-a. Não era uma carta: era o capitulo d'um livro. E em toda ella, afinal, não havia desprezo, não havia odio, não havia vontade de a atirar para longe e nunca mais a ver. Em toda ella o que havia era uma alma retalhada por mil golpes, a sangrar paixão. E tudo quanto de mau, de inferior, de infame e de reles dizia d'ella feria-o apenas unicamente a si!

Que horror! Como elle gostava d'ella! Que horror! Como elle gostava d'ella! E tombou sobre a mesa a soluçar.

Fóra o vento e a chuva ululavam e gemiam. As luzes bruxuleavam como os cirios d'um enterro. E elle continuava a soluçar.

Por fim ergueu-se num impeto, sem uma lagrima, um extranho brilho nos olhos e uma funda prega unindo-lhe com fôrça as sobancelhas.

Foi direito á alcova. Vestiu-se, perfumou-se. E tornou a sahir, a caminho dos clubs, dos bars, dos cabarets, dos lupanares, sem bem saber se devia sentir-se um palhaço ridiculo, se um soldado atirando-se para o meio da refrega, em busca da morte ou da libertação.

ANTONIO DE SÈVES

ESCOLHA DE POEMAS DE ALBERTO CAEIRO

(1889-1915)

DE «O GUARDADOR DE REBANHOS»

(1911 — 1912)

I

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr de sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janella.

Mas a minha tristeza é sócego
Porque é natural e justa
E é o que deve estar na alma
Quando já pensa que existe
E as mãos colhem flores sem ella dar por isso.

Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que elles são contentes,
Porque, se o não soubesse,
Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.

Pensar incommóda como andar á chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.

Não tenho ambições nem desejos.
Ser poeta não é uma ambição minha.
E' a minha maneira de estar sòsinho.

E se desejo ás vezes,
Por imaginar, ser cordeirinho
(Ou ser o rebanho todo
Para andar espalhado por toda a encosta

*se vi acerta lá ao longe
e then o veem ao fundo
(da planície)*

Chão

dentro de casa

em a janella aberta

A ser muita cousa feliz ao mesmo tempo),
 E' só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol,
 Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz
 E corre um silencio pela herva fóra.

Quando me sento a escrever versos
 Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,
 Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,
 Sinto um cajado nas mãos
 E vejo um recorte de mim
 No cimo d'um outeiro,
 Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas idéas,
 Ou olhando para as minhas idéas e vendo o meu rebanho,
 E sorrindo vagamente como quem não comprehende o que se diz
 E quer fingir que comprehende.

Saúdo todos os que me lerem,
 Tirando-lhes o chapéu largo
 Quando me vêem á minha porta
 Mal a diligencia levanta no cimo do outeiro.
 Saúdo-os e desejo-lhes sol,
 E chuva, quando a chuva é precisa,
 E que as suas casas tenham
 Ao pé d'uma janella aberta
 Uma cadeira predilecta
 Onde se sentem, lendo os meus versos.
 E ao lerem os meus versos pensem
 Que sou qualquer cousa natural —
 Por exemplo, a arvore antiga
 A' sombra da qual quando creanças
 Se sentavam com um baque, cansados de brincar,
 E limpavam o suor da testa quente
 Com a manga do bibe riscado.

V

Ha metaphysica bastaste em não pensar em nada.

O que penso eu do mundo?
 Sei lá o que penso do mundo!
 Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que idéa tenho eu das cousas?
 Que opinião tenho sobre as causas e os effeitos?
 Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
 E sobre a criação do mundo?
 Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
 E não pensar. É correr as cortinas
 Da minha janella (mas ella não tem cortinas).

O mysterio das cousas? Sei lá o que é mysterio!
 O unico mysterio é haver quem pense no mysterio.
 Quem está ao sol e fecha os olhos,
 Começa a não saber o que é o sol
 E a pensar muitas cousas cheias de calor.
 Mas abre os olhos e vê o sol,

E já não pode pensar em nada,
 Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
 De todos os philosophos e de todos os poetas.
 A luz do sol não sabe o que faz
 E porisso não erra e é commum e boa.

Metaphysica? Que metaphysica teem aquellas arvores?
 A de serem verdes e copadas e de terem ramos
 E a de dar fructo na sua hora, o que não nos faz pensar,
 A nós, que não sabemos dar por ellas.
 Mas que melhor metaphysica que a d'ellas,
 Que é a de não saber para que vivem
 Nem saber que o não sabem?

«Constituição intima das cousas»...
 «Sentido intimo do universo»...
 Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.
 E' incrivel que se possa pensar em cousas d'essas.
 E' como pensar em razões e fins
 Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das arvores
 Um vago ouro lustroso vae perdendo a escuridão.

Pensar no sentido intimo das cousas
 E' accrescentado, como pensar na saúde,
 Ou leyar um copo á agua das fontes.

O unico sentido intimo das cousas
 E' ellas não terem sentido intimo nenhum.

Não accredito em Deus porque nunca o vi.
 Se elle quizesse que eu accreditasse nelle,
 Sem duvida que viria fallar commigo
 E entraria pela minha porta dentro
 Dizendo-me, *Aqui estou!*

(Isto é talvez ridiculo aos ouvidos
 De quem, por não saber o que é olhar para as cousas,
 Não comprehende quem falla d'ellas
 Com o modo de fallar que reparar para ellas ensina.)

Más se Deus é as flores e as arvores
 E os montes e sol e o luar,
 Então accredito nelle,
 Então accredito nelle a toda a hora,
 E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
 E uma communhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as arvores e as flores
 E os montes e o luar e o sol,
 Para que lhe chamo eu Deus?
 Chamo-lhe flores e arvores e montes e sol e luar;
 Porque, se elle se fez, para eu o ver,
 Sol e luar e flores e arvores e montes,
 Se elle me apparece como sendo arvores e montes
 E luar e sol e flores,
 E' que elle quer que eu o conheça
 Como arvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-lhe,
 (Que mais sei eu de Deus que Deus de si-proprio?),
 Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
 Como quem abre os olhos e vê,
 E chamo-lhe luar e sol e flores e arvores e montes,
 E amo-o sem pensar nelle,
 E penso-o vendo e ouvindo,
 E ando com elle a toda a hora.

IX

Sou um guardador de rebanhos.
 O rebanho é os meus pensamentos
 E os meus pensamentos são todos sensações.
 Penso com os olhos e com os ouvidos
 E com as mãos e os pés.
 E com o nariz e a bocca.

Pensar uma flor é vel-a e cheiral-a
 E comer um fructo é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
 Me sinto triste de gosar-o tanto,
 E me deito ao comprido na herva,
 E fecho os olhos quentes,
 Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
 Sei a verdade e sou feliz.

X

«Olá, guardador de rebanhos,
 Ahi á beira da estrada,
 Que te diz o vento que passa?»

«Que é vento, e que passa,
 E que já passou antes,
 E que passará depois.
 E a ti o que te diz?»

«Muita cousa mais do que-isso.
 Falla-me de muitas outras cousas.
 De memorias e de saudades
 E de cousas que nunca fôram.»

«Nunca ouviste passar o vento.
 O vento só falla do vento.
 O que lhe ouviste foi mentira,
 E a mentira está em ti.»

XIII

Leve, leve, muito leve,
 Um vento muito leve passa,
 E vae-se, sempre muito leve.
 E eu não sei o que penso
 Nem procuro sabel-o.

XX

O Tejo é mais bello que o rio que corre pela minha aldeia,
 Mas o Tejo não é mais bello que o rio que corre pela minha aldeia
 Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

fm
 O Tejo tem grandes navios
 E navega nelle ainda,
 Para aquelles que vêem em tudo o que lá não está,
 A memoria das naus.

O Tejo desce de Hespanha
 E o Tejo entra no mar em Portugal.
 Toda a gente sabe isso.
 Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
 E para onde elle vae
 E d'onde elle vem.
 E por isso, porque pertence a menos gente,
 E' mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vae-se para o mundo.
 Para além do Tejo ha a America
 E a fortuna d'aquelles que a encontram.
 Ninguem nunca pensou no que ha para além
 Do rio da minha aldeia.

f. sinks
 O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
 Quem está ao pé d'elle está só ao pé d'elle. *si ali*

XXIV

O que nós vemos das cousas são as cousas.
 Porque veríamos nós uma cousa se houvesse outra?
 Porque é que ver e ouvir seriam illudirmo-nos
 Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,
 Saber ver sem estar a pensar,
 Saber ver quando se vê,
 E nem pensar quando se vê
 Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
 Isso exige um estudo profundo,
 Uma apprendizagem de desaprender
 E uma sequestração na liberdade d'aquelle convento
 De que os poetas dizem que as estrellas são as freiras eternas
 E as flores as penitentes convictas de um só dia,
 Mas onde afinal as estrellas não são senão estrellas
 Nem as flores senão flores,
 Sendo por isso que lhes chamamos estrellas e flores.

XXV

As bolas de sabão que esta creança
 Se entretem a largar de uma palhinha
 São translucidamente uma philosophia toda,

Claras, inuteis e passageiras como a Natureza,
 Amigas dos olhos como as cousas,
 São aquillo que são
 Com uma precisão redondinha e aerea,
 E ninguem, nem mesmo a creança que as deixa,
 Pretende que ellas são mais do que parecem ser.

Algumas mal se vêem no ar lucido.
 São como a brisa que passa e mal toca nas flores
 E que só sabemos que passa
 Porque qualquer cousa se aligeira em nós
 E acceita tudo mais nitidamente.

XXVI

A's vezes, em dias de luz perfeita e exacta,
 Em que as cousas teem toda a realidade que podem ter,
 Pergunto a mim-proprio devagar
 Porque sequer attribuo eu
 Belleza ás cousas.

Uma flor acaso tem belleza?
 Tem belleza acaso um fructo?
 Não: teem cor e fórma
 E existencia apenas.
 A belleza é o nome de qualquer cousa que não existe
 Que eu dou ás cousas em troca do agrado que me dão.
 Não significa nada.
 Então porque digo eu das cousas: são bellas?

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,
 Invisiveis, veem ter commigo as mentiras dos homens
 Perante as cousas,
 Perante as cousas que simplesmente existem.

Que difficil ser proprio e não ver senão o visivel!

XXVIII

Li hoje quasi duas paginas
 Do livro d'um poeta mystico,
 E ri como quem tem chorado muito.

Os poetas mysticos são philosophos doentes,
 E os philosophos são homens doidos.

Porque os poetas mysticos dizem que as flores sentem
 E dizem que as pedras teem alma
 E que os rios teem extases ao luar.

Mas as flores, se sentissem, não eram flores,
 Eram gente;
 E se as pedras tivessem alma, eram cousas vivas, não eram pedras;
 E se os rios tivessem extases ao luar,
 Os rios seriam homens doentes.

E' preciso não saber o que são flores e pedras e rios
 Para fallar dos sentimentos d'elles.

Fallar da alma das pedras, das flores, dos rios,
 E' fallar de si-proprio e dos seus falsos pensamentos.
 Graças a Deus que as pedras são só pedras,
 E que os rios não são senão rios,
 E que as flores são apenas flores.

Por mim, escrevo a prosa dos meus versos
 E fico contente,
 Porque sei que comprehendo a Natureza por fóra;
 E não a comprehendo por dentro
 Porque a Natureza não tem dentro;
 Senão não era a Natureza.

XXX

Se quizerem que eu tenha um mysticismo, está bem, tenho-o.
 Sou mystico, mas só com o corpo.
 A minha alma é simples e não pensa.

O meu mysticismo é não querer saber.
 E' viver e não pensar nisso.

Não sei o que é a Natureza: canto-a.
 Vivo no cimo d'um outeiro
 Numa casa caiada e sòsinha,
 E essa é a minha definição.

XXXII

Hontem á tarde um homem das cidades
 Fallava á porta da estalagem.
 Fallava commigo tambem.
 Fallava da justiça e da lucta para haver justiça
 E dos operarios que soffrem,
 E do trabalho constante, e dos que teem fome,
 E dos ricos, que só/teem costas para/isso.

E, olhando para mim, viu-me lagrimas nos olhos
 E sorriu com agrado, julgando que eu sentia
 O odio que elle sentia, e a compaixão
 Que elle dizia que sentia.

(Mas eu mal o estava ouvindo.
 Que me importam a mim os homens
 E o que soffrem ou suppõem que soffrem?
 Sejam como eu — não soffrerão.
 Todo o mal do mundo vem de nos importarmos uns com os outros,
 Quer para fazer bem, quer para fazer mal.
 A nossa alma e o ceu e a terra bastam-nos.
 Querer mais é perder isto, e ser infeliz.)

Eu no que estava pensando
 Quando o amigo de gente fallava
 (E isso me commoveu até ás lagrimas),
 Era em como o murmurio longinquo dos chocalhos

A esse entardecer
Não parecia os sinos d'uma capella pequenina
 A que fossem á missa as flores e os regatos
 E as almas simples como a minha.

(Louvado seja Deus que não sou bom,
 E tenho o egoismo natural das flores
 E dos rios que seguem o seu caminho
 Preocupados sem o saber
 Só com florir e ir correndo.
 E' essa a unica missão no mundo,
 Essa — existir claramente,
 E saber fazel-o sem pensar nisso.)

E o homem calara-se, olhando o poente.
 Mas que tem com o poente quem odeia e ama?

XXXV

O luar atravez dos altos ramos,
 Dizem os poetas todos que elle é mais
 Que o luar atravez dos altos ramos.

Mas para mim, que não sei o que penso,
 O que o luar atravez dos altos ramos
 E', além de ser
 O luar atravez dos altos ramos,
 E' não ser mais
 Que o luar atravez dos altos ramos.

XXXVII

ido
 Como um grande borrão de fogo sujo
 O sol-posto demora-se nas nuvens que ficam.
 Vem um silvo vago de longe na tarde muito calma.
 Deve ser d'um comboio longinquo.

Neste momento vem-me uma vaga saudade
 E um vago desejo placido
 Que apparece e desaparece.

Tambem ás vezes, á flor dos ribeiros,
 Formam-se bolhas na agua
 Que nascem e se desmancham
 E não teem sentido nenhum
 Salvo serem bolhas de agua
 Que nascem e se desmancham.

XXXIX

O mysterio das cousas, onde está elle?
 Onde está elle que não apparece
 Pelo menos a môstrar-nos que é mysterio?

leitura a 10/10
tem ant. com

A T H E N A

real
1/1
Que sabe o rio d'isso e que sabe a arvore?
É eu, que não sou mais do que elles, que sei d'isso?
Sempre que ólho para as cousas e penso no que os bomens pensam d'ellas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.
tem som

Porque o unico sentido occulto das cousas
E' ellas não terem sentido occulto nenhum.
E' mais extranho do que todas as extranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os philosophos,
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que comprehender.

aproxima o som
soa a corda de um
pedra

Sim, eis o que os meus sentidos apprenderam sòsinhos: —
As cousas não teem significação: teem existencia.
As cousas são o unico sentido occulto das cousas.

XL

a natureza
existencia

Passa uma borboleta por deante de mim
E pela primeira vez no universo eu reparo
Que as borboletas não teem cor nem movimento,
Assim como as flores não teem perfume nem cor.
A cor é que tem cor nas azas da borboleta,
No movimento da borboleta o movimento é que se move,
O perfume é que tem perfume no perfume da flor.
A borboleta é apenas borboleta
E a flor é apenas flor.

XLII

Passou a diligencia pela estrada, e foi-se;
E a estrada não ficou mais bella, nem sequer mais feia.
Assim é a acção humana pelo mundo fóra.
Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos;
E o sol é sempre pontual todos os dias.
o sol do

XLIII

Antes o vôo da ave, que passa e não deixa rasto,
Que a passagem do animal, que fica lembrada no chão.
A ave passa e esquece, e assim deve ser.
O animal, onde já não está e por isso de nada serve,
Mostra que já esteve, o que não serve para nada.

A recordação é uma traição á Natureza,
Porque a Natureza de hontem não é Natureza.
O que foi não é nada, e lembrar é não ver.

Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!

XLV

Um renque de arvores lá longe, lá para a encosta.
Mas o que é um renque de arvores? Ha arvores apenas.
Renque e o plural arvores não são cousas, são nomes.

Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,
Que traçam linhas de cousa a cousa,
Que põem letreiros com nomes nas arvores absolutamente reaes,
E desenham paralelos de latitude e longitude
Sobre a propria terra innocente e mais verde e florida do que isso!

XLVI

D'este modo ou d'aquelle modo,
Conforme calha ou não calha,
Podendo ás vezes dizer o que penso,
E outras vezes dizendo-o mal e com mixturas,
Vou escrevendo os meus versos sem querer,
Como se escrever não fôsse uma cousa feita de gestos,
Como se escrever fôsse uma cousa que me acontecesse
Como dar-me o sol de fóra.

Procuró dizer o que sinto
Sem pensar em que o sinto.
Procuró encostar as palavras á idéa
E não precisar d'um corredor
Do pensamento para as palavras.

Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.
O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

Procuró despir-me do que apprendi,
Procuró esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a Natureza produziu.

E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como um homem,
Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.
E assim escrevo, ora bem, ora mal,
Ora acertando com o que quero dizer, ora errando,
Cahindo aqui, levantando-me acolá,
Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso.

Ainda assim, sou alguém.
Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo elle-proprio.

Isto sinto e isto escrevo
 Perfeitamente sabedor e sem que não veja
 Que são cinco horas do amanhecer
 E que o sol, que ainda não mostrou a cabeça
 Por cima do muro do horizonte,
 Ainda assim já se lhe vêem as pontas dos dedos
 Agarrando o cimo do muro
 Do horizonte cheio de montes baixos.

XLVII

Num dia excessivamente nitido,
 Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
 Para nelle não trabalhar nada,
 Entrevi, como uma estrada por entre as arvores,
 O que talvez seja o Grande Segredo,
 Aquelle Grande Mystério de que os poetas falsos fallam.

Vi que não ha Natureza,
 Que Natureza não existe,
 Que ha montes, valles, planicies,
 Que ha arvores, flores, hervas,
 Que ha rios e pedras,
 Mas que não ha um todo a que isso pertença,
 Que um conjuncto real e verdadeiro
 É uma doença das nossas idéas.

A Natureza é partes sem um todo.
 Isto é talvez o tal mystério de que fallam.

Foi isto o que sem pensar nem parar,
 Acertei que devia ser a verdade
 Que todos andam a achar e que não acham,
 E que só eu, porque a não fui achar, achei.

XLVIII

Da mais alta janella da minha casa
 Com um lenço branco digo adeus
 Aos meus versos que partem para a humanidade.

E não estou alegre nem triste.
 Esse é o destino dos versos.
 Escrevi-os e devo mostral-os a todos
 Porque não posso fazer o contrario
 Como a flor não pode esconder a côr,
 Nem o rio esconder que corre,
 Nem a arvore esconder que dá fructo.

Eil-os que vão já longe como que na diligencia
 E eu sem querer sinto pena
 Como uma dôr no corpo.

Quem sabe quem os lerá?
 Quem sabe a que mãos irão?

Flor, colheu-me o meu destino para os olhos.
Arvore, arrancaram-me os fructos para as boccas.
Rio, o destino da minha agua era não ficar em mim.
Submetto-me e sinto-me quasi alegre,
Quasi alegre como quem se cansa de estar triste.

Ide, ide de mim!
Passa a arvore e fica dispersa pela Natureza.
Murcha a flor e o seu pó dura sempre.
Corre o rio e entra no mar e a sua agua é sempre a que foi sua.
Passo e fico, como o Universo.

XLIX

(aqui) Metto-me para dentro, e fecho a janella.
Trazem o candieiro e dão as boas-noites,
E a minha voz contente dá as boas-noites.
Oxalá a minha vida seja sempre isto:
O dia cheio de sol, ou suave de chuva,
Ou tempestuoso como se acabasse o mundo,
A tarde suave e os ranchos que passam
Fitados com interesse da janella,
O ultimo olhar amigo dado ao socego das arvores,
E depois, fechada a janella, o candieiro acceso,
Sem ler nada, nem pensar em nada, nem dormir,
Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito,
E lá fóra um grande silencio como um deus que dorme.

claro
top

APONTAMENTOS PARA UMA ESTHETICA NÃO-ARISTOTELICA

II

Acima de tudo, a arte é um phenomeno social. Ora no homem ha duas qualidades directamente sociaes, isto é, dizendo directamente respeito á sua vida social: o espirito gregario, que o faz sentir-se igual aos outros homens ou parecido com elles, e portanto approximar-se d'elles; e o espirito individual ou separativo, que o faz afastar-se d'elles, collocar-se em opposição a elles, ser seu concorrente, seu inimigo, ou seu meio-inimigo. Qualquer individuo é ao mesmo tempo individuo e humano: differe de todos os outros e parece-se com todos os outros.

Uma vida social sã no individuo resulta do equilibrio d'estes dois sentimentos: uma fraternidade aggressiva define o homem social e são. Ora se a arte é um phenomeno social, no ser social vae já o elemento gregario; resta saber onde está nella o elemento separativo. Não o podemos buscar fóra da arte, porque então haveria na arte um elemento extranho a ella, e ella seria tanto menos arte; temos que o buscar dentro da arte — isto é, o elemento separativo tem que se manifestar na arte tambem, e *como arte*.

Quer isto dizer que, na arte, que é antes de tudo um phenomeno social, tanto o espirito gregario como o separativo tem que assumir *a forma social*.

Ora o espirito separativo, anti-gregario, tem, é claro, duas fórmas: o afastamento dos outros, e a imposição do individuo aos outros, a sobreposição do individuo aos outros — o isolamento e o *dominio*. D'estas duas fórmas a segunda é que é a *forma social*, pois isolar-se é deixar de ser social. A arte, portanto, é antes de tudo, *um esforço para dominar os outros*. Ha, evidentemente, varias maneiras de dominar ou procurar dominar os outros; a arte é uma d'ellas.

Ora ha dois processos de dominar ou vencer — captar e subjugar. Captar é o modo gregario de dominar ou vencer; subjugar é o modo anti-gregario de dominar ou vencer.

Ora em todas as actividades sociaes superiores ha estes dois processos, porque fatalmente não pode haver outros; e se me refiro distinctamente ás actividades sociaes superiores é que são estas, porque são superiores, as que envolvem a idéa de dominio. São trez as actividades sociaes superiores — a politica, a religião e a arte. Em cada um d'estes ramos da actividade social superior ha o processo de captação e o processo de subjugação.

Na politica ha a democracia, que é a politica de captação, e a dictadura, que é a politica de subjugação. É democratico todo o systema que vive de agradar e de captar — seja a captação oligarchica ou plutocratica da democracia moderna, que, no fundo, não capta senão certas minorias,